

*Para a Miska, pássara de minhas insônias.
E para a Hebe, por tanto, tanto.*

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

[9](#)

[10](#)

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

Créditos

Colofão

Não vai ler, pensa Agustín. A chileninha não vai ler. Acaba de emprestar a ela os três últimos livros que o Gariglio, seu colega de datilografia, lhe emprestou: *A herança maldita*, *Pânico no paraíso* e *Crianças diabólicas*. O empréstimo do empréstimo. Precisa devolvê-los ao Gariglio na semana que vem ou então pagar por eles, se gostar. A menina está entediada, pensa Agustín. Por isso lhe dá livros. Ela os recebe como quem recebe cartas numa partida de escopa, como as que joga com seus avós toda noite, sem muito entusiasmo. Com apatia, na verdade, algo que Agustín não acha próprio da idade dela. Não deveria passar tantas horas com Nélide naquele quarto cheio de exclamações. Ele sabe que por trás dos silêncios de sua mãe há estrondos que podem deixar qualquer um surdo. Mesmo que seja uma menina, mesmo que seja estrangeira. Também não é bom que a obriguem a dormir a sesta, nem que passe os meses de férias trancada com os velhos. Senão, olhem só pra ele, mal sai uma vez por semana para suas aulas de datilografia. Olhem pra ele, vivendo nessa toca, teclando e teclando, não vai nem até a praça. Como se isso, sua vida, fosse o prolongamento tardio de alguma guerra. Um cativo, uma daquelas prisões de comunas que dizem que tem virando a

esquina. Agustín ouve rumores, mas não os alimenta. E é verdade que a menina não está trancada, isso seria um exagero. Às vezes ela sai com sua prima Claudia, trepam em árvores, fazem coisas de meninas. Nota-se que ela gosta de estar ali, com esses parentes que moram em casas tão diferentes das de seus pais, imagina Agustín. Ele nunca foi além de Mar del Plata (e isso já faz tempo, com sua mãe, quando ainda saíam de casa). A menina, pelo contrário, vai e vem todo ano do Chile para a Argentina, da Argentina para o Chile, por terra. Tantas vezes ouviu o relato da chileninha e de seu pai. Que a planície procurando os trilhos de um trem que nunca aparece enquanto avançam rumo ao leste, que os redemoinhos como uma miragem, que as paradas no meio da estrada para fazer xixi ou esticar as pernas, que as montanhas lá no fundo, que a subida, quanto falta agora, pai?, que o túnel mais comprido do mundo – quase tão comprido como o Chile, Agustín imagina que a menina exagera esticando os braços, como se o mais comprido do mundo fosse um metro e meio, um país caindo pra fora do mapa –, que o vento como um animal furioso lá no topo, que a bandeira com a estrela branca ao lado sobre o fundo azul e o vermelho sangue, que as curvas montanhosas, que a descida, que por fim sua casa. A menina tem nome, mas ele a chama de *chileninha*. É filha do seu primo e tem o mesmo sobrenome que ele; as mesmas iniciais, inclusive. Poderia ser sua irmã caçula, pensa, a irmã que nunca teve. Às vezes

tem vontade de entrar na Citroneta do primo e partir com ele e a menina para o outro lado. Levar o rádio de pilha e escutar Elvis Presley até suas vozes se apagarem. A de Elvis e as da comitiva. Parentes que fogem juntos e desaparecem dos radares humanos. Diabos disfarçados de anjos, decolando rumo a um céu sem nome, rumo a outra galáxia. Que a chileneira o salve. Que o tire dali, que lhe abra as portas, que o faça cruzar o mar se necessário for, que lhe diga que aqueles livros são de mentira, que a vida é outra coisa. Mas a menina é só uma menina e não pode mudar a história.

DIVISÃO IMAGINÁRIA DO TECLADO: divide-se o teclado em duas partes com uma linha imaginária. As letras situadas do lado esquerdo da linha citada deverão ser pressionadas com os dedos da mão esquerda e as situadas do lado direito, com os da mão direita.

Está morrendo, o pai lhe diz. Seu primo, o último parente do seu ramo que ainda resta vivo, seu único primo, agoniza do outro lado da cordilheira. Ele diz que não pode viajar a Campana, que por favor vá acompanhar Agustín em sua agonia. Que o substitua, o pai lhe pede enquanto apaga o segundo cigarro da manhã. Se ela aceitar, diz, ele compra a passagem hoje mesmo e lhe dá dinheiro para as despesas. O que precisar. Ania precisa. Desde que a demitiram da escola, precisa muito. De dinheiro, de estabilidade. Desde que começou a passear com cachorros, a cuidar de gatos, a regar plantas alheias enquanto os moradores das casas estão viajando. Desde que conheceu Javier nessas andanças. Não, dizer isso seria injusto. Melhor: desde que começou a fazer uso da razão. Desde que sua mãe morreu quando ela tinha dois anos e ainda não era nem gente. Desde que apareceu Leonora e o pai começou a falar outro idioma. Um idioma sem língua, ininteligível para Ania. Desde que apareceu Leonora e o pai foi se perdendo num mapa próprio, que a tirou de órbita. Ania deixou de ouvir as palavras que saem da boca do pai e se jogou de cabeça numa nuvem de necessidades e urgências. Cenas que chegam como que trazidas pelo vento. A primeira vez que a inspetora da escola

a chamou em sua sala e lhe deu um longo sermão sobre disciplina, sobre a importância de formar indivíduos retos (usou essa palavra, “retos”, e Ania imaginou um exército de crianças marchando com as costas muito erguidas, retos de corpo e de espírito, retos de fala, duros e inquebráveis como um paredão). Que fosse mais rigorosa, exigiu-lhe a inspetora. Que fiscalizasse os textos dos alunos, que não permitisse absurdos como os do último jornal mural, que trazia crônicas com erros como “faucão” em vez de falcão (ou de facão, vá saber), “murmurar” em vez de murmurar, “cebosa” em vez de sebosa, “ispanto” em vez de espanto ou “berrido” ao invés de sabe-se lá o quê. Na redação de um menino que deixou a inspetora de cabelo em pé, um animal berria e Ania pensou na estranha sugestão desse som: um berro ou um latido perfurando o ar. Ela, pra dizer a verdade, achava fabulosas as invenções linguísticas dos alunos. Pensava que as palavras tinham dobras e estavam sempre na fronteira entre a carne e o mundo. No entanto, não gostava muito de crianças (de gente em geral, mas de crianças em particular). Se soltava a imaginação, inclusive, podia chegar a vê-las como seres diabólicos. As crianças, aquelas crianças que ela tinha como alunas, sugavam cada milímetro de sua vida. De qualquer forma, não passava por sua cabeça corrigi-las nem costurar-lhes a boca: deixar retas aquelas línguas soltas, tão vivas, ainda sem a espuma dos adultos. Às vezes pensava que não tinha tato para se relacionar com pessoas,

que um animal ou uma planta eram muito mais toleráveis que um ser humano. Ela só tinha um gato, uma bola de pelos laranja transformada em parente involuntário, e isso era suficiente. Às vezes sentia que não servia para trabalhar. Pelo menos não numa escola, não vigiando a conduta dos outros. E havia outra questão: Ania não sabia dormir. Com o passar dos anos, havia esquecido como se dormia. Diazepam, dormonid, zopiclona, tinha provado de tudo. Andava sempre cansada, bocejando no meio das conversas. Assim não era possível ficar responsável por uma turma, dar aula de coisa alguma. Precisa cuidar da higiene do seu sono, lhe advertiam na escola. E ela achava graça da expressão. Imaginava-se passando uma esponja com sabonete em suas sonolências, escovando seus pesadelos. O que Ania queria era se aposentar antes dos quarenta anos, mas isso era impossível. Talvez seu futuro fosse cuidar de casas alheias e transformar-se no morador da vez. Ir se tornando pouco a pouco aqueles outros que ela substituía. Adquirir seus hábitos, comer em seus lugares na mesa, fazer carinho em seus animais de estimação, masturbar-se em suas camas. Aprender seus comportamentos, inventar-se um manual para cada caso. O Javier ela havia conhecido assim: depois de passar uma noite em seu apartamento, sozinha, cuidando de um gato convalescente. Javier morava a três quadras de distância, num espaço minúsculo. Ele a contatara por um anúncio que ela fixou com um percevejo na distribuidora de

bebidas do bairro. “Cuido de animais, passeio com cachorros, rego plantas.” Telefonou para ela, disse que era urgente, que viajaria naquela mesma noite e não tinha quem cuidasse do seu gato doente. Estava tratando com antibióticos uma infecção urinária, o gato. Deixou a chave com o porteiro e as instruções de como lhe dar o remédio. Confiança absoluta, o homem. Ou afeto extremo pelo animal. Ania gostou disso. Despediu-se do seu gato laranja e chegou para cuidar de um gato cinza que de início nem lhe deu bola. Olhou-a como se olha para um estranho, mal erguendo a cabeça, e acomodou seu corpo lânguido no sofá. Se Ania não sabia dormir em sua cama, que dirá em cama alheia. Tentou em vão. A zopiclona não fez efeito. Às quatro da manhã, levantou e foi fazer carinho no gato. O animal a olhou da mesma posição no sofá e soltou um miado disforme. Não era a voz de um felino. Um berrido, pensou, um murmurido. Às cinco, fez um café; às seis, tomou uma cerveja; às sete e meia, esmagou o antibiótico, dissolveu-o na água, enfiou-o numa seringa, abriu a boca do gato e aplicou a dose. Depois deitou ao lado dele e conseguiu pegar no sono. Às dez e meia da manhã, sentiu um barulho na fechadura da porta: se apavorou. Sabia que era Javier, mas se apavorou. Provavelmente a insônia prolongada e os restos de sonífero no corpo a deixaram meio paranoica. Javier a cumprimentou como se a conhecesse da vida toda. E tomaram café e ele falou de seu trabalho numa gráfica e ela

falou da demissão na escola e da indenização precária, de sua busca incerta, de dormir mal, da sua vontade de se aposentar hoje mesmo, do dinheiro por cuidar de casas, gatos, cachorros e plantas que não era suficiente, nunca era suficiente. Devia fazer alguma coisa, disse. O pigarrear de seu pai a trouxe de volta. De repente, as cenas anteriores apagaram-se de sua cabeça e impôs-se o som de uma voz alcoolizada. Desapareceram Javier e aquela primeira conversa em seu apartamento, o início de algo. Ali estava agora o pai no bar de sempre, com um terceiro cigarro apagado e a expressão de diga que sim, não me decepcione. Com o gesto de quem pede um favor. Leonora está convalescendo, ouve-o dizer. Acredita que ele já disse isso antes, mas não tem certeza. Que ele deve fazer companhia para ela aqui em Santiago. Que, ainda por cima, os filhos e os netos da mulher estão de visita, vieram do sul, continua o pai como numa prece. Só faltou o espírito santo, pensa Ania, muito embora nunca tenha visto seu pai rezando nem fazendo o sinal da cruz. Que, afinal de contas, continua o homem, ele é seu marido, sua família. Refere-se à Leonora, naturalmente. *Famíliastra*, ela quer corrigi-lo. Normas mínimas de convivência, filha. De que manual de comportamento seu pai está falando? De qualquer forma, ela suspeita que este não é o verdadeiro motivo. Com a morte de Agustín, último membro da tribo, acaba a história. Campana termina. E o pai não tem forças para testemunhar

esse final. Foram-se os avós, os tios-avós e todos os parentes com mais de sessenta anos: a espécie vai terminando do outro lado de lá. Resta Claudia, sim, mas a garota já não mora em Campana. E, além do mais, é dos galhos novos da árvore, assim como ela, não chega aos quarenta anos. A bem da verdade, pensa Ania, o pai não é capaz de ver Agustín nessa condição porque adverte ali, na certa, seu próprio declínio. Estamos desaparecendo, *nena*, diz o homem num fiozinho de voz. E essas três palavras atravessam a pele da filha. Nesse momento, sem dizê-lo, ela aceita o pedido.

PADRÃO UNIVERSAL: A ordem ou distribuição das letras no teclado obedece a um motivo fundamental, tendo muito mais importância do que parece à primeira vista. As letras não estão dispostas a esmo, e sim de maneira que as de uso frequente na linguagem se encontram ao alcance fácil dos dedos mais ágeis, enquanto as menos usuais se acham mais distantes. Isso constitui uma enorme vantagem que permite digitar com maior rapidez e desenvoltura. No entanto, ao se estabelecer a disposição das letras no padrão universal, atendeu-se especialmente o idioma inglês. Isso explica por que letras como A, E, C, D, S, usadas frequentemente em castelhano, encontram-se à esquerda, enquanto outras muito menos usuais, como Ñ, K, J, H, ficam à direita.

Seu pai lhe pediu duas coisas aquela manhã: que o substituísse do outro lado da montanha e que o visitasse aquela noite, na festa do seu aniversário. Sabe que ela e Leonora não podem se ver, por isso lhe pede desse jeito. Por favor, Ani, por favor. Toda vez que quer tê-la ao seu lado ele a chama de Ani, como se fosse um código secreto. Seu pai é tão óbvio às vezes. Logo serei um velho octogenário, insistiu ele, como se não bastasse a estratégia do diminutivo. O pai e Javier tampouco podem se ver, de modo que essa é a carta que Ania joga na mesa aquela noite: “Toma, papi!”. Até o surgimento de Javier em sua vida, ela achava tão enfadonhos os galanteios de pavão no cio e depois as visitas e aquela mania de tornar-se um pouco filhos que tinham os homens com os quais saíra, que ela preferia ficar sozinha. Mil vezes um gato a um namorado, a um filho. Javier tem vinte e cinco anos a mais do que ela. Quando contou isso ao pai, o homem disse ah, então quer dizer que em vez de marido está procurando um vovozinho? Ela não andava procurando ninguém, onde já se viu? No máximo procurava por ele, mas isso ela não iria admitir. Então, ao invés de xingá-lo, disse a ele que pô, mal aparentava cinquenta anos, era bastante jovem. Cinquenta em cada perna?, brincou o homem. Nem

perguntou como se chamava. Ania o imaginou aquela noite com Leonora, comentando as últimas novidades de sua filha. Com um cara que podia ser seu pai, diria o pai, com um velho sessentão, já pensou? Pobre..., murmuraria Leonora, como se Ania pudesse ouvir à distância seu falso lamento. Pobre de quem? De Ania? Do namorado de meia-idade que teria que aguentar comentários como os dessa gente? Pobre é o caralho, ela se pegou dizendo em voz alta. E talvez por isso, por orgulho, aguentou tanto e acabou se afeiçoando ou se acostumando ou apenas se abrindo e aqui está agora com Javier, o homem que poderia ser seu pai, mas que é seu namorado, na entrada do prédio onde mora o homem que é seu pai.

Às nove em ponto tocar o interfone, informar o porteiro, aqui é a filha do meu pai (não mencionar Javier), pegar o elevador, dar três batidinhas na porta. Olhar de soslaio a cara que fazem ao vê-los chegarem juntos. Cumprimentar Leonora, perguntar por educação como vai a saúde. Não escutar a resposta. Aliar-se com o cachorro ali num canto, uma bola de pelos esbranquiçada em sua caminha de cobertor. Uma miniatura, quase um rato, esse animal que ela levou para passear cinco vezes nas últimas duas semanas. Um cachorro que a ajuda a pagar o aluguel. Acariciar seu dorso só para fazer alguma coisa com as mãos, tocar seu nariz úmido, deixá-lo lambe suas mãos. Cedê-lo a algum neto de aspecto diabólico que interrompe o sossego e tenta

ganhar o afeto do bicho. Recuar junto a Javier, remoto habitante de outra dimensão. Cruzar a nuvem de fumaça e beijar seu pai antes que acenda o milésimo cigarro do dia. Entregar a ele o presente, o lenço de seda vermelho que ele mesmo lhe pedira. Pegar um punhado de uvas de uma travessa sobre a mesa, oferecê-las a Javier. Levar três uvas à boca e quase não mastigá-las. Pensar no parreiral de Campana, em seu pai e ela cortando cachos para as viagens de volta ao Chile. Dizer agora que vai ao banheiro, entrar no escritório do pai. Olhar as estantes e paredes, cheias de fotografias de família. Procurar-se e não aparecer em nenhuma. Enteados, padrastos: as prateleiras habitadas por uma genealogia alheia. Uma descendência de olhos cinzentos e narizes arredondados, nada a ver com ela. Não se ver ali, não existir. Voltar os olhos e encontrar a *Gran Enciclopedia del Mundo*. Aqueles tomos verdes e foscos como o passado, que às vezes metiam na Citroneta para que Ania se entretivesse durante a viagem. Tomo dezoito, página 196: *tilonorrinco*. Uma fotografia em preto e branco de um pássaro pequeno, barrigudo, parecido com um pardal, fazendo um ninho. Um pássaro que, dizem as páginas do livro, é famoso pelo galanteio dos machos com as fêmeas. Conquistam suas escolhidas confeccionando ninhos: decoram o espaço com raminhos de folhas e botões que mantêm sempre frescos. Os pássaros abrem as asas e exibem o brilho de suas penas com o peito estufado. Assim

começa tudo, diz a enciclopédia. Olhar as imagens dos ninhos, instalações de arte mais do que simples tocas. Lembrar por contraste dos ninhos que ela descobria com Claudia na laranjeira da rua 9 de Julio. As primas trepavam na árvore, deslizavam pelos galhos feito duas macacas e topavam com os montinhos de palha. Nenhuma sofisticação naqueles pássaros campanenses. Às vezes havia um ou dois ovos. Elas sabiam que não deviam tocá-los, de modo que apenas olhavam e desandavam o caminho: galho, tronco, terra. Seu pai sempre explicava que os pássaros eram tipos solitários, que não deveriam ser incomodados. Uma vez, porém, Ania pegou um dos ovos e crac, quebrou-se na sua mão. Estava sozinha, sua prima tinha aula àquele horário. Não contou a ninguém. As mãos pegajosas, crac, a passarinha rondando. Não sabia o que fazer. Lá vai a *catrasca* de novo, diriam. Ela sabia: ca-tras-ca. Cagada atrás de cagada. Sempre tão desastrada, ela. Embaçou-lhe a vista: com sua falta de jeito, havia alterado o instinto da passarinha. Apaguem as luzes, escuta alguém dizer na sala. Pegar uma caneta do escritório e traçar um círculo em volta da imagem do tilonorrinco. Ter vontade de arrancar a página, mas de repente notar que o volume das vozes diminui, crac. Fechar a enciclopédia, guardá-la novamente na estante e parar de vasculhar os pensamentos. Agora vem o bolo e Ania entra direto no cenário onde seu pai, na penumbra, é o protagonista. O peito estufado, as asas

abertas. Ania vai direto até Javier, que a espera num canto como se a substituísse naquele lugar periférico. Os filhos e os netos de Leonora parecem espectadores de uma cerimônia presidencial. Até o cachorro ficou de pé. Todos a postos em seus lugares, as mãos prontas para o aplauso. As luzes apagadas, as velas acesas. O sopro: um, dois, três, setenta e três.

No dia seguinte, zarpar: cruzar a montanha, substituir o pai.

*image
not
available*

As viagens de antes eram por terra, palmo a palmo com a cordilheira. Inclusive, a princípio o bloco não se deixava atravessar, lembra Ania. As máquinas ainda não haviam perfurado a garganta da montanha e era preciso percorrê-la com paciência nas alturas. Lembra que serpenteavam o caminho na Citroneta, subiam até o topo, paravam uns minutos para observar a paisagem desbotada que haviam deixado atrás e começavam a descida do Cristo Redentor de los Andes até o outro lado da cordilheira. Ela e o pai, sozinhos, sem intromissões. Com a sensação compartilhada, mas nunca revelada em palavras, de estarem sendo sugados por uma corrente imperceptível. Depois a planície, os redemoinhos de vento, os trilhos do trem que cruzava o pampa ao longe. Mas nunca o trem, somente os trilhos abandonados e as cancelas levantadas pela metade, como se as locomotivas fossem ameaças latentes mais do que uma evidência. Um som de flauta transversal desafinada chiava ao fundo. A cada três ou quatro horas paravam para esticar as pernas (ambos), fumar (o pai) ou fazer xixi atrás de algum arbusto (ela). Ania morria de vergonha quando passava um caminhão e buzinava para eles. Viram o meu poto, gritava ao pai. E daí, nunca mais vai ver essas pessoas! E se

*image
not
available*

vários segundos tateando o céu da boca, as dobras das gengivas, os dentes. Gariglio havia lhe trazido um carregamento de livros de terror, caso algum interessasse à menina quando viesse no verão. Ainda faltavam alguns meses, mas Agustín queria escolher com tempo. Quando estava com Gariglio, sentia que o resto do mundo desaparecia. A imagem de seu pai lá fora, sentado num banquinho, escutando futebol pelo rádio, evaporava. Também a de sua mãe, jogada na cama, coberta pela penumbra. Nem os avós da menina, nem a própria menina na casa ao lado (quando estava de visita) sobreviviam em sua imaginação. Dessa vez, quando Gariglio tentou lhe ensinar os movimentos da língua, fez-se um silêncio tão rotundo que foram obrigados a ouvir suas respirações agitadas. Se tivessem prestado mais atenção, poderiam ter captado inclusive o som exato do ar entrando em seus pulmões e saindo por suas bocas ainda abertas. O amigo acendeu um cigarro, que fumaram pela metade. As marcas de sangue ficaram estampadas no filtro, como os restos do batom que usava Nélide quando saía. Tu não sabe fazer nada, disse Gariglio. Não sou, porém, como crítica, mas sim como uma constatação amarga. O refrão de uma valsa tão antiga quanto a amizade. Agora Agustín olha a menina de soslaio, não quer que perceba que ele a observa. Não quer que ela vá embora. Dentro de uma hora escurece e ele volta à sua toca e a chileneira vai com seus avós jogar uma partida de

*image
not
available*

matagal matagal maragal martagal matagal matagal
matagal matagal matagal matagal matagal matagal
matagal matagal matagal matagal matagamatagal
maatagal matagal matagal matagal matagal matagal
matagal matagal matafal matagal matagal matagal
matagal matagal matagal matagal matagal mstagal
matagal nmatagal matagal matagal matagal matagal

Campana campana Campana Campana Campana
Campana Campana campana Campana Campana
Ccampana campana Campana Campana Campana
Campana Campana Campana Campana Campana
campana camPana Campana Campana Campana
Cxmpana Campana Campana Campana Campana
Campana Campana Campana Campana Campana

*image
not
available*

encontrou o cadáver já decomposto da mulher. Ou que a própria tia-avó está ali e agora vai passar um sermão nelas, de seu canto atemporal. É possível que engula outro frasco de comprimidos e volte a dormir, a partir, na frente delas, ao lado de seu filho Agustín. Que troque sua morte tresloucada por outra perfeitamente lúcida e consciente de estar deixando este mundo para regressar, ao menos como sombra, ao lugar do qual nunca deveria ter saído. Para voltar a abraçar seu pai, debaixo da terra das colinas piemontesas. Pode ser que se esqueça a que veio e, ao invés de gastar o tempo em reencontros, Nélida exploda uma granada nos pés das primas. Ou que ateie fogo nas casas geminadas. Ania pensa que seus pensamentos não são totalmente seus, que essa história de terror que está saindo de improviso não lhe pertence. Agora lhe vêm à cabeça as crianças da escola, lá em Santiago. As crianças a salvo, distantes. Aquelas que a chamavam de tia e a seguiam por toda parte como pintinhos sem asas, sem norte. Depois as criaturas evaporam e Ania volta a este quarto de hospital. À Nélida na lembrança de Claudia em voz alta. Da perna esquerda da mulher, a prima está falando agora. A perna cheia de estilhaços pela explosão da granada, está lembrada? Ania imagina que o sobrinho de Nélida é um de seus alunos, que agoniza em seus braços. A bomba explodiu na escola e ela, Ania, não foi capaz de salvá-lo. O tornozelo de Ania está sangrando e ela pensa que esse líquido rosa, quase transparente, pode ressuscitar o menino.

*image
not
available*

MAIUSCULA: Na parte inferior do teclado, em ambas extremidades do mesmo e uma de cada lado, encontram-se as teclas destinadas à escrita em letra maiuscula. O procedimento é simples: baixando uma delas e mantendo-a nessa posição, pressiona-se a letra que se deseja imprimir. Ao deixá-la novamente livre, a escrita volta à letra minuscula.

*image
not
available*

mãe de Nélide muitos anos atrás. Tê-la mandado à força a estas terras quando mal completara vinte anos, tê-la praticamente obrigado a se casar com Aroldo, seu primo de segundo grau, único solteiro da família. Um homem jovem, não muito bonito, diziam, mas jovem e disposto a se casar com a garotinha que carregava seu sangue. Ter desejado salvá-la e, ao invés disso, tê-la condenado. Agustín agora precisa falar disso com alguém, mas com quem? Agustín precisa que alguém lhe explique a origem da desgraça.

*image
not
available*



*image
not
available*

procura e não se acha, ainda não existe. Já não existe, corrige-se, nunca vai ocupar esse espaço. Todos mortos nos retratos. Todos, menos o menino penteado com um topete meio ridículo, sentado ao lado de um cachorro de pelúcia, que sorri prematuramente numa das fotografias e que muito mais tarde será seu pai. Ania pega o retrato e o coloca de boca para baixo na mesa do telefone. Fita o pátio e encontra escombros e os restos de um parreiral e pó e uvas gelatinosas no chão e cigarras cantando para ninguém. Volta os olhos para o interior da casa e lá no fundo divisa a escada do sótão onde se escondia para ler as novelas que lhe emprestava Agustín, que interrompia suas coisas para vir à casa dos avós e comentar com ela histórias de assassinos e vampiros. Lá em cima, supõe, continuarão vivas as teias de aranha grossas como lã. De que tamanho deviam ser as patas dessas monstras, para tecer semelhantes panos de teias, pergunta-se enquanto procura um lugar para deixar sua mala. Abre um armário e, num canto, como que escondida, a vê: a máquina de escrever de Agustín, que ele herdou de sua mãe. Ania tira-a dali e a coloca em cima da mesa. Está cheia de pó, porém intacta. Não se atreve a teclar. Pensa que se o fizer poderá causar um desmoronamento.

Finalmente acomoda sua bagagem num dos quartos, o que seu pai ocupava quando criança. Sobre uma prateleira órfã, entre enfeites de porcelana e contas de luz e água, assomam

*image
not
available*

Essa manhã o céu é um lençol estendido, branco e espesso. É assim que Agustín o percebe. Olha pela janela e tem vontade de pegar altura, lançar-se para cima e seguir reto até tocar a poeira cósmica. Tem dois livros na mão, não sabe o que fazer com eles. A chilena lhe devolveu *A herança maldita* e *Pânico no paraíso*. Disse que estes não lhe interessavam, mas que daria uma nova chance a *Crianças diabólicas*. Logo agora que o Gariglio tinha prometido lhe dar de Natal duas caixas de livros de terror. Depois a menina disse que tinha que ir buscar sua prima na escola e que de tarde iriam à sorveteria comemorar algum aniversário ou algum santo, Agustín não gravou a informação exata. Mas isso não chegou a acontecer, não teve festa porque logo depois do almoço Aroldo teve a ideia de botá-la na garupa da bicicleta, só uma volta no quarteirão com sua sobrinhaneta, e ela apoiou o pé esquerdo nas rodas — que desastrada, a chilena, eternamente *catrasca* — e os raios queimaram a pele do seu calcanhar e ela sangrava e gritava e Agustín viu brotar um sangue rosinha do pé da menina. Quis lambe-la aquela pele, gota a gota. Ajudá-la a estancar a hemorragia, pousar sua boca naquele sangue morno e dar a ela um alívio que talvez ninguém lhe dera, jamais. Agustín

*image
not
available*

Minha segunda morte, pensa Ania enquanto caminha até a igreja. Agustín é a segunda pessoa que ela vê sem vida em toda sua vida. A primeira foi Nélide, na mesma latitude, vários anos atrás. Na época, Ania pensava que as montanhas eram acidentes geográficos, muros físicos e nada mais. Haviam morrido os avós, os tios, uma penca de gente: a família se desintegrava a toda velocidade. Seu pai ainda não tinha conhecido a Leonora. Então, Ania viajou com ele para o enterro. Voaram juntos, como se fossem dois presidiários escapando no fim de semana para respirar sua liberdade condicional. Ou dois amantes igualmente clandestinos, que aproveitam a desculpa mortuária para não se separar. Seu medo de avião era infinitamente menor do que a felicidade que lhe causava passar um fim de semana com o pai do outro lado da montanha. Quando chegaram, foram recebidos como embaixadores. De mãos dadas, como o casal em fuga que eram, aproximaram-se do caixão e aquela foi sua primeira visão da morte. Os avós ela nunca viu sem vida, tampouco viu sua mãe. Morreram e desapareceram, e pronto. Sua cabeça de menina os apagava com facilidade, porque para ela os cadáveres não existiram. Mas com Nélide foi diferente. Daquela vez ela parou em frente ao caixão e

*image
not
available*

Quem ela devia ignorar era Leonora, não o cachorro, que vinha para preencher sabe-se lá que buraco. Depois de tomar a segunda cerveja, pensou em ligar para o Javier. Pensou não, ligou. Mas caiu na caixa postal e ela não quis deixar recado. O que ia dizer a ele? Oi, Javi. Meu pai tem um cachorro com cara de rato. E o que mais? Uivar para ele? Melhor tomar a saideira de um gole e esquecer o pai, o cachorro e Javier.

Agora Claudia lhe acena do fundo da igreja. Ania se aproxima e a prima a apresenta: essa é a filha do Coletti, diz. A chilena. E todos entendem. Como se nunca tivesse existido outro Coletti naquela cidade. Como se o próprio defunto e o resto da família fossem apêndices do seu pai. O senhor Coletti, do Chile. A filha do senhor Coletti, que se tornou chileno. O campanense que um dia fugiu da sua terra e se instalou naquele país com nome de pimenta. Como se dizer Chile definisse as coisas, criasse algum tipo de jurisprudência. Ania se entrega a cumprimentos, abraços, condolências. Tem a sensação de que não há mais enlutados no mundo e que ela ficou incumbida de velar o único morto do universo. Um morto que carrega seu sobrenome e seu sangue. Claudia se exime de sua responsabilidade e a deixa como isca exclusiva para os pêsames. A sobrinha estrangeira tem mais peso do que a local. Chile um, Argentina zero. A província é toda sua, prima, meu lance está em outro lugar. E não, Ania entende que não está pronta para isso. Tem

*image
not
available*

centro, gerenciada por um casal de uruguaianos, com cabines telefônicas e um computador. A duas quadras do Cecil, diz. E anota o endereço num papelzinho, um tíquete amarfanhado que ele tira do bolso. Anda com uma lapiseira atrás da orelha esquerda: seu instrumento de autodefesa, pensa Ania. Se o atacarem, tem a arma pronta para enterrar nos olhos do algoz. A letra de Gariglio é grossa, caracteres grandes e marcados que mais parecem garranchos do que outra coisa. Coloca de volta a lapiseira em seu posto, mas agora muda de lado e a ajeita atrás da orelha direita. Depois pigarreia e diz que, se precisar, pode dar uma mão para arrumar as casas geminadas. Ania agradece a gentileza sem muito entusiasmo. Dispensa-o com a mesma mão estendida do início, agora em sinal de despedida. Há vários pêsames por receber ainda.

*image
not
available*

outras duas novelinhas de vampiros. Dessas ele não gosta tanto, mas como recusá-las? Vampiros são aprendizes de algo que ele não sabe nomear. Não é “o mal”, não gosta de palavras tão grandiosas. Não sabe qual é a palavra exata. Gosta de ensaiar termos possíveis que se aproximem do que ele quer dizer. Gosta, mas também lhe desespera nunca encontrar essas palavras. Por isso ele tecla sem pauta e sem pausa: para o caso de aparecer, mecânica e repentinamente, aquilo que ele anda buscando, a palavra que o traga de volta ou que o leve para sempre. Sabe que o pai da menina virá buscá-la dentro de cinco dias. Não quer que ela vá embora, mas também não quer que fique e corra perigo. Precisa fazer alguma coisa, precisa salvá-la.

Assim que seus pais apagam a luz no outro quarto, ele tira a capa da máquina de escrever e procura a posição adequada. Um dia, pensa, vai ensinar a chilena a teclar. Tem dedos finos, com certeza seria muito eficiente neste ofício. Como sua mãe, quando tinha cabeça e juventude. Quando era italiana. A menina vai aprender rápido, ele tem certeza. E passarão a tarde juntos, entre uma batida e outra, ele ditando e ela escrevendo.

*image
not
available*

do mundo. Desembarcavam com a ilusão de fazer dinheiro rápido, mas a fortuna imediatamente se transformava em sobrevivência e a América virava um território hostil. Não existiam os mares de relva nem os campos de fertilidade infinita nem as terras que lhes haviam prometido. Rapidamente, deviam aprender a ser outros. Trabalhar no que fosse, enviar dinheiro à família, construir para si uma vida nova: nisso consistiam seus dias. E depois já estavam ali, já não podiam regressar. Sem seguir um trajeto claro, ela caminha até a estação de trem. A plataforma está vazia, abandonada. Mais adiante, avista a margem do rio, mas suas pernas agora a levam em outra direção. Retorna pela rua das sorveterias, passa em frente ao Cecil, o bar que talvez tenha nascido com aquela cidadezinha, volta a cruzar a praça repleta de idosos que agora parecem cochichar em tom agudo, como se suas cordas vocais tivessem sido alteradas ou estivessem imitando o canto de algum pássaro, e ela segue para a esquerda. Em dado momento se vê em frente à escola pública. Está fechada, parece morta. Tem a sensação de que as crianças já não existem, que cresceram subitamente ou foram seguindo uma coreografia própria: agarradas em seus aventais, em fila indiana. Ela gosta da ideia: uma cidade sem crianças. Deixa a escola e caminha sem pressa pela San Martín até chegar à 9 de Julio. Em frente à casa dos avós, apanha uma laranja do chão e a